

PERCEPÇÃO, ATENÇÃO E DEFICIÊNCIA VISUAL: UMA (RE)LEITURA DA PSICOLOGIA HISTÓRICO- CULTURAL MEDIANTE O FILME “RAY”

Data de submissão: 06/12/2024

Data de aceite: 05/02/2025

Luana de Lima Menezes

UNESP/ASSIS

CAPES

<http://lattes.cnpq.br/4501117482502327>

RESUMO: O presente estudo teve como proposta discorrer sobre as funções psicológicas superiores, com enfoque à atenção e percepção, de pessoas com deficiência visual. Para tanto, realizamos nossa análise mediante o filme Ray, que narra a história de Ray Charles Robinson, um célebre artista musical norte-americano que, durante a infância, fora acometido pela cegueira. Nada obstante, a fim de que nosso objetivo fosse contemplado, pautamos nossas investigações em teóricos da psicologia histórico-cultural, tal como Vigotski, que aponta a natureza social do desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Ademais, com base na abordagem da defectologia, apresentada por Vigotski, utilizamos como subsídio suas elucubrações no que diz respeito à compreensão do desenvolvimento de pessoas com deficiências. Finalmente, a partir da análise do filme, indicamos que funções psicológicas como a percepção

e atenção, são importantes processos que podem compensar a perda total ou parcial da visão, de pessoas com deficiência sensorial, do tipo visual. Isto posto, é possível dar destaque à compensação mediante o fortalecimento e desenvolvimento das funções psicológicas superiores, e não apenas de funções naturais, como a substituição da visão pela audição; apontamos, no entanto, que tal processo decorre de um rearranjo do sistema psicológico, de modo complexo, em vista da inserção do sujeito na sociedade, e de condições objetivas que propiciem o seu desenvolvimento.

PALAVRAS-CHAVE: Funções Psicológicas Superiores, Atenção, Percepção, Deficiência visual.

A educação social, que surge na grande era da reconstrução definitiva da humanidade, é chamada a realizar o que a humanidade sempre sonhou como um milagre religioso: que os cegos vejam e os mudos falem.

Liev Semiónovich Vigotski

INTRODUÇÃO

Na décima nona edição de America's Got Talent, um jovem de 22 anos foi o vencedor do aclamado programa estadunidense. Kodi Lee, em sua primeira audição, cantou e tocou, em um piano, a música intitulada A song for you, canção muito conhecida, também, pela interpretação de Ray Charles (1930 – 2004), um ilustre cantor e pianista norte-americano. A escolha pela referida canção, feita pelo jovem músico Kodi, poderia aparentar mera casualidade, não fosse pelo fato de que ambos os artistas que a interpretaram, tivessem em comum uma deficiência visual: a cegueira.

Neste seguimento, vale apontar, no que concerne à pessoa com deficiência, assevera a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Brasil, 2015, p. 10, grifo do autor), em seu primeiro capítulo que:

Art. 2º. Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.

Nesta perspectiva, a cegueira é uma deficiência sensorial, do tipo visual. No entanto, faz-se importante indicar que, nem todas as pessoas cegas possuem incapacidade total para enxergar, uma vez que, são assim também consideradas “[...] aquelas nas quais o prejuízo da visão se encontra em níveis incapacitantes para o exercício de tarefas rotineiras, apesar de possuírem certos graus de visão residual” (Ottaiano et al., 2019, p. 10). Isto é, em conformidade com Ottaiano et al. (2019, p. 10, grifo nosso), pessoas com cegueira podem ser aquelas que:

[...] só percebem vultos, aquelas que só conseguem contar dedos a curta distância e aquelas que só mantêm percepção luminosa. Estes últimos estão mais próximos da cegueira total ou amaurose, que pressupõe perda completa de visão, sem que haja sequer a *percepção* luminosa.

Conquanto, embora não seja o objetivo aprofundarmos acerca da deficiência visual de Ray Charles ou Kodi Lee, (mencionados em excerto anterior), nos vale indicar que o êxito de seus trabalhos, enquanto músicos, se deram em vista das condições objetivas e materiais que lhe foram garantidas. As barreiras em face à deficiência, e nesta conjuntura específica, a deficiência visual, não são determinantes para o desenvolvimento ou não desenvolvimento humano e, portanto, este estudo tem como primeiro intento, levantar a discussão sobre aspectos concernentes ao desenvolvimento de pessoas com deficiência, e processos que se relacionam, como o desenvolvimento e conexões das funções psicológicas superiores, com enfoque à percepção e atenção.

Destarte, tendo em vista que, conforme Ottaiano et al. (2019), a estimativa é de que, no Brasil, 1,5 milhões de pessoas sejam cegas - o que seria equivalente a 0,75% da população brasileira -, faz-se imprescindível que, estudos sejam engendrados, a fim de garantir reflexões críticas acerca de como a sociedade compreende a deficiência, e

igualmente, para garantir o desenvolvimento de condições objetivas e materiais para incluir e integrar todas as pessoas, sem distinções, e equitativamente em todos os âmbitos sociais.

Por conseguinte, pautamos nossas investigações e análises a partir da teoria Histórico-Cultural, com ênfase neste trabalho, às teorizações de teóricos soviéticos, como Liev Semiónovich Vigotski (1896–1934), uma vez que, de acordo com Shuare (2017), trata-se do maior expoente da teoria, tendo em vista que fora o primeiro a empregar o Materialismo Histórico-Dialético à ciência psicológica. Além disso, Vygotski (1997), apresenta contribuições importantes acerca da defectologia¹, indicando que, qualquer pessoa pode se desenvolver, independente dos comprometimentos físicos, mentais, sensoriais ou intelectuais em decorrência a alguma deficiência. Ademais, Vygotski (2000), no tocante às funções psicológicas superiores, aponta que estas se desenvolvem por meio de relações estabelecidas socialmente, a partir da inserção do sujeito na sociedade, em que, ao interagir com seus pares, e através da mediação destes, poderá se apropriar de signos, instrumentos e ferramentas, produzidos por outros seres humanos, onde se está conservado a cultura e a própria história.

Portanto, com base no exposto, tivemos como objetivo discorrer sobre as funções psicológicas superiores, com enfoque à atenção e percepção, de pessoas com deficiência visual. Com a finalidade de contemplar nosso objetivo, realizamos nossa análise a partir do filme Ray (2004), que retrata a história de Ray Charles.

O DESENVOLVIMENTO O HUMANO E UM OLHAR PARA AS POTENCIALIDADES: A DEFECTOLOGIA

A fim de que o desenvolvimento possa acontecer para a criança que acabara de nascer, duas coisas lhe são imprescindíveis: um organismo biológico, com o sistema nervoso central corresponde à sua espécie, e sua inserção na sociedade, estabelecendo relações com outros seres humanos. De acordo Mukhina (1995, p. 41): “[...] as propriedades naturais da criança não criam qualidades psíquicas, mas sim as condições necessárias para sua formação. Essas qualidades surgem graças à herança social”. Embora esta afirmativa possa parecer irrefutável, é importante salientar que um processo não repele o outro e, sim, ocorrem dialeticamente.

Nesta perspectiva, Vygotski (2000), em sua obra denominada “História do desenvolvimento das funções psicológicas superiores”, publicada em 1931, apontava que, embora em sua contemporaneidade outros estudiosos discutissem acerca do desenvolvimento das funções psicológicas superiores, estes o faziam a partir de uma concepção tradicional, com visão unilateral e, nos termos de Vygotski (2000, p. 12, tradução nossa, grifo nosso): “[...] incapaz de considerar estes atos como atos do

1 Faz-se importante, neste ensejo, assinalar que a defectologia explanada neste trabalho diz respeito à apresentada por Vygotski (1997), que se refere à educabilidade e estudo sobre pessoas com alguma deficiência. Apesar disso, a defectologia não surge com este teórico, uma vez que o termo fora utilizado, pela primeira vez, em 1912, por Vsevolod Petrovich Kashchenko (1870-1943), um psiquiatra russo (Netto; Leal, 2013).

desenvolvimento histórico, porque os julga unilateralmente como *processos e formações naturais*, confundindo o natural e o cultural, o natural e o histórico, o biológico e o social no desenvolvimento psíquico da criança”. Desta forma, o autor indica que os processos complexos se decompunham em seus elementos constituintes, perdendo o caráter estrutural unitário e, assim, sendo reduzidos a processos elementares e de natureza subordinada.

Apesar de Vygotski (2000), apontar a imprescindibilidade de estudar a gênese das funções psicológicas superiores, como suas raízes biológicas, para este teórico, as referidas funções não são processos naturais complexos, pois dessa forma, corre-se o risco de, como estudiosos contemporâneos a sua época faziam, reduzi-las a outros processos simples e elementares. Em contrapartida, ele defendia que o desenvolvimento ocorria em duas linhas, sendo o natural e o cultural, não como um processo simples e evolutivo, posto em uma única linha do desenvolvimento, mas sim, por meio de um processo complexo e dialético, em que o desenvolvimento das funções psicológicas, tipicamente humanas, pode acontecer.

Outrossim, neste seguimento, o homem é aquele quem transforma a natureza e, neste processo, também é transformado. Assim, é este mesmo homem quem produz instrumentos que serão portadores da atividade da espécie, de funções sociais, e que, por conseguinte, conservará em sua matéria a história da humanidade. Desta forma, quando uma criança é inserida neste contexto, e através da mediação intencional de pares mais experientes, passa a se apropriar e a internalizar esses instrumentos e signos, poderá desenvolver as funções psicológicas superiores, as funções sociais tipicamente humanas (Barroco, 2007).

Além disso, Vygotski (2000) assevera que as funções superiores estão em constante desenvolvimento, enquanto as funções psicológicas elementares, aquelas que compartilhamos com outros animais e são reflexas do organismo, pouco se modificam ao longo da história. Tal afirmativa pode ser explicada a partir da compreensão da natureza social das funções psicológicas superiores, portanto, passam a transformadas ao longo da história da humanidade, em um plano social, ao mesmo tempo em que se modificam individualmente ao longo do desenvolvimento de cada indivíduo. Estes processos superiores sempre aparecerão, primeiramente, em um nível coletivo e depois, em um nível individual (Vigotski, 1999).

Ainda, é importante salientar que, as funções psicológicas superiores estabelecem importantes e complexas relações entre si, como nexos ao longo do desenvolvimento. As mudanças que ocorrem nas funções, na verdade, são em ocorrência às mudanças entre as conexões estabelecidas entre elas. Esses nexos, por sua vez, correspondem ao que se é conhecido como sistema psicológico. Neste sentido, embora por motivos didáticos, as funções psicológicas superiores possam ser mencionadas separadamente, como memória e atenção voluntárias, linguagem, pensamento entre outros, não se é possível compreender um processo sem reconhecer que um não independe do outro; não se trata

de um localizacionismo funcional, mas sim, de processos que ocorrem em sistema um relacional (Vygotski, 1999).

Neste seguimento, é possível pensar em estratégias compensatórias para o desenvolvimento de pessoas com deficiência. A esse respeito, Gindis (1999, s/p, tradução nossa) aponta que:

Uma ideia inovadora de L. Vygotsky era que a compensação mais eficiente para a perda ou fraqueza das funções naturais pode ser alcançada por meio do desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Paradoxalmente, enquanto o que pode ser prejudicado são os processos naturais (visual, auditivo, motores, etc.), os objetos de reabilitação são os processos culturais de raciocínio abstrato, memória lógica, atenção voluntária, comportamentos direcionados a objetivos, etc. Vygotsky apontou para as limitações do treinamento sensório-motor tradicional, dizendo que a compensação biológica pura (por exemplo, audição superior em indivíduos cegos) tem sido uma exceção e não a regra, enquanto o domínio das atividades psicológicas superiores não tem limites.

Vygotski (1997), defendia que, a educação de crianças com deficiência tivesse os mesmos objetivos sociais e culturais que aquelas que não tivessem quaisquer tipos de deficiência. Aqui, o autor se direciona à deficiência secundária², originada pela sociedade excludente, ao não oportunizar ao sujeito com deficiência, em determinados contextos e mediante a barreiras postas, o seu desenvolvimento. Neste sentido, faz-se valer o que anteriormente abordamos até aqui neste excerto sobre as funções sociais: os processos psicológicos superiores são aqueles internalizados e desenvolvidos pelo sujeito, quando este entra em contato com instrumentos, ferramentas e signos sociais através da mediação intencional de outros pares. Neste sentido, Vygotski (1997) também incute que, as limitações de pessoas com alguma deficiência podem ser compensadas por meio do desenvolvimento das funções psicológicas superiores, possibilitando-a, por intermédio do coletivo (sociedade), com condições para desenvolver suas potencialidades, assim como com quaisquer outras pessoas sem deficiências.

De modo a exemplificar, podemos citar o documentário produzido pela BBC TV (1992), intitulado *As borboletas de Zagorsk*³, em que se é apresentado a educação oferecida para crianças cegas-surdas que viviam na escola de Zagorsk, que fora fundada em 1963 e tinha como pressupostos a abordagem da defectologia vigotskiana (Netto; Leal, 2013). No documentário é possível perceber que, crianças com comprometimentos na visão e audição, aprendiam a se comunicar, seja por meio da fala verbalizada, da escrita, ou da língua de sinais tátil, em virtude de processos compensatórios, ou seja, as funções psicológicas superiores (como pensamento e linguagem, entre outras), compensaram as limitações das funções naturais do organismo. Em diálogo a essa experiência na antiga

2 Vygotski (1997), faz a distinção entre deficiência primária e secundária, sendo a primeira, concernente a fatores orgânicos, como deficiências sensoriais, enquanto a segunda se refere às consequências sociais em vista da própria deficiência.

3 Com o fim da União Soviética, a cidade de Zagorsk foi renomeada como Segeiev-Posad (Netto; Leal, 2013).

União Soviética, Vygotski (1997, p. 82, tradução nossa, grifo nosso) aponta sobre a educação social:

Provavelmente a humanidade vencerá, tarde ou cedo, a cegueira, a surdez e a debilidade mental. Porém, as vencerá muito antes no plano social e pedagógico que no plano médico e biológico [...] O surdo que fala e o cego que trabalha são partícipes da vida comum em toda sua plenitude, eles mesmo não experimentaram sua insuficiência nem deram motivo aos demais. Está em nossas mãos fazer com que a criança cega, surda ou débil mental não seja deficiente. Então desaparecerá também esse conceito, signo inequívoco de nosso próprio defeito [...] A quantidade de cegos e surdos se reduzirá enormemente. Quiçá desaparecerão definitivamente a surdez e a cegueira. Porém, antes disso, serão vencidas socialmente. Todavia, fisicamente, a cegueira e a surdez existirão durante muito tempo na terra. O cego seguirá sendo cego e o surdo, surdo, porém deixarão de ser *deficientes porque a defectividade é um conceito social* [...] *A cegueira em si não faz uma criança deficiente* [...] *A educação social vencerá a deficiência.*

ATENÇÃO E PERCEPÇÃO ENQUANTO FUNÇÕES PSICOLÓGICAS SUPERIORES

De acordo com Vygotski (1991), a relação entre a fala e a utilização de alguns instrumentos, implicam em diversas funções psicológicas, em especial, a percepção e atenção, assim como, operações sensório-motoras. O autor indica também que, a percepção de uma criança, não se desenvolve em uma continuidade, de modo aperfeiçoado em relação a de outros animais, mas sim, ocorre de modo complexo, o que faz da percepção humana, uma função psicológica superior. Em outras palavras, e em conformidade a Vygotski (1991, p. 24), os animais seriam “[...] incapazes de modificar o seu campo sensorial por meio de um esforço voluntário. De fato, talvez fosse útil encarar como regra geral a dependência de todas as formas naturais de percepção em relação à estrutura do campo sensorial”. No entanto, para os seres humanos, o processo perceptivo não ocorre desta maneira.

Vygotski (1991), indica que em um experimento por ele realizado, foi solicitado a crianças que, diante de uma figura, pudessem explicar, sem o uso da fala, o conteúdo da imagem. Fora solicitado o uso da mímica como modo de comunicação. Assim, através do experimento, o autor assinala que, fora possível inferir que as crianças, com dois anos de idade, podiam perceber os aspectos dinâmicos da figura, e não tinham dificuldade em reproduzir por mímica, no entanto, embora outros estudiosos abordassem tal processo como uma habilidade da percepção da criança, Vygotski (1991, p. 25, grifo nosso), compreendeu como uma limitação do desenvolvimento da linguagem neste período do desenvolvimento:

Um conjunto de observações correlatas revelou que a rotulação é a função primária da fala nas crianças pequenas. A rotulação capacita a criança a escolher um objeto específico, isolá-lo de uma situação global por ela percebida simultaneamente; entretanto, a criança enriquece suas primeiras palavras com gestos muito expressivos, que compensam sua dificuldade

em comunicar-se de forma inteligível através da linguagem. Pelas palavras, as crianças isolam elementos individuais, superando, assim, a estrutura natural do campo sensorial e formando novos (introduzidos artificialmente e dinâmicos) centros estruturais. A criança começa a perceber- o mundo não somente através dos olhos, mas também através da *fala*. Como resultado, o imediatismo da percepção "natural" é suplantado por um processo complexo de mediação; a fala como tal torna-se parte essencial do desenvolvimento cognitivo da criança.

A linguagem e a percepção estabelecem, desde estágios mais precoces do desenvolvimento, importantes nexos, enquanto funções psicológicas superiores. Mesmo em resoluções de problemas não verbais, a linguagem desempenha função primordial. Posteriormente, como demonstrado no experimento realizado por Vygotski (1991), a percepção, já verbalizada, não se limitará para criança em atos de rotulações. Nesse sentido, a fala terá uma função instrumental para que possa ser atingida formas mais complexas da percepção cognitiva.

Por conseguinte, indissociavelmente aos nexos relacionais estabelecidos entre linguagem e percepção, um aspecto especial da função psicológica perceptiva, apontado por Vygotski (1991), se refere a afirmativa de que a percepção de objetos reais surge em idade tenra: o mundo é enxergado para além de sua cor e forma; é visto como um mundo de sentidos e significados. O próprio autor sugere um exemplo: ao observar um objeto redondo, com números e ponteiros, não se vê formas isoladas uma das outras, se enxerga um relógio, e é possível distinguir a função de um ponteiro para o outro. Apesar disso, alguns pacientes com lesão cerebral são incapazes de reconhecer o relógio enquanto significado social, apenas, enxergam as formas e as descrevem parte por parte. Esses sujeitos perderam o relacionamento real com o objeto. Portanto, essas afirmativas feitas pelo autor, indicam que os seres humanos não possuem percepções isoladas, mas sim, categorizadas.

Ademais, Vygotski (1991, p. 27), assevera que:

Dentre as grandes funções da estrutura psicológica que embasa o uso de instrumentos, o primeiro lugar deve ser dado à atenção. Vários estudiosos, a começar por Kohler, notaram que a capacidade ou incapacidade de focalizar a própria atenção é um determinante essencial do sucesso ou não de qualquer operação prática. Entretanto, a diferença entre a inteligência prática das crianças e dos animais é que, aquelas são capazes de reconstruir a sua percepção e, assim, libertarem-se de uma determinada estrutura de campo perceptivo.

Neste seguimento, a linguagem assume com a atenção, igual e importante relação quanto como com a percepção. De acordo com Luria (1979), as formas superiores da atenção da criança, aparecem, primeiramente, a partir das instruções verbais do adulto, o que proporcionará, nesta fase do desenvolvimento, a estabilidade de subordinação do comportamento. Posteriormente, tal processo se manifestará na atenção arbitrária autorreguladora do comportamento da criança, e nesse contexto, também explana Vygotski

(1991, p. 27):

Com o auxílio da função indicativa das palavras, a criança começa a dominar sua atenção, criando centros estruturais novos dentro da situação percebida. Como K. Koffka tão bem observou, a criança é capaz de determinar para si mesma o «centro de gravidade» do seu campo perceptivo; o seu comportamento não é regulado somente pela conspicuidade de elementos individuais dentro dele. A criança avalia a importância relativa desses elementos, destacando, do fundo, «figuras» novas, ampliando assim as possibilidades de controle de suas atividades.

Em vista disso, o sujeito tem a possibilidade de perceber as mudanças em situações presentes, a partir de suas vivências anteriores, para entrar em atividade a fim de se orientar com relação a perspectivas sobre o futuro. Destarte, para Vygotski (1991), em um processo de desenvolvimento humano, a atenção do sujeito, já em tenra idade, engloba uma totalidade de séries de campos perceptivos.

Isto posto, Luria (1979), aponta que o caráter seletivo da atividade consciente diz respeito a uma função da atenção, e se manifesta, igualmente, na percepção. Tal processo implica no fato de que, não fosse pela seletividade, nenhuma atividade por parte do sujeito seria possível, tendo em vista a desordem das informações não selecionadas.

Em todos os tipos de atividade consciente deve ocorrer um processo de deleção dos processos básicos, dominantes, que constituem o objeto da atenção do homem, bem como a existência de um “fundo” formado pelos processos cujo acesso está retido na consciência; em qualquer momento, caso surja a tarefa correspondente, tais processos podem passar ao centro da atenção do homem e tornar-se dominantes (Luria, 1979, p. 2).

Em conformidade com Luria (1979), dois grupos seriam fundamentais para explicar o os fatores que determinam a atenção humana e seu caráter seletivo. Em um primeiro grupo, poderiam ser apontados aspectos concernentes a estímulos externos perceptíveis ao sujeito, que se aproximam de fatores da estrutura da percepção. Em um segundo grupo, aqueles que dizem respeito à atividade do próprio homem.

Um aspecto importante a ser salientado a respeito do primeiro grupo, descrito por Luria (1979), corresponde à intensidade do estímulo. Em outras palavras, a atenção do sujeito será atraída para o estímulo que se distingue dentre outros dispostos no mesmo ambiente como, por exemplo, uma lâmpada que subitamente é acesa em uma sala com iluminação amena. Conquanto, em um ambiente no qual estímulos distintos, se apresentem estáveis e equilibrados, sem que um domine o outro dentro do campo perceptivo, a atenção do sujeito ganhará caráter instável com oscilações da atenção, em que, em um momento um estímulo dominará, e noutro, ou próximo estímulo.

Luria (1979), também chama a atenção para a novidade do estímulo, ou a diferença deste com relação a outros dispostos no campo perceptivo do sujeito. O autor afirma que, se um estímulo acaba por sobressair outros de forma acentuada, ou é novo entre os demais, acaba por atrair a atenção para si, e provoca aquilo que chama de reflexo

orientado⁴ especial. Todavia, um resultado similar pode aparecer numa situação inversa: quando um estímulo corriqueiro se torna ausente, isso chama a atenção, subitamente, de quem o ouvia com determinada frequência.

Ademais, Luria (1979) destaca, de modo a reiterar, a importância da organização estrutural a fim de viabilizar que a percepção dos estímulos, do meio exterior, chegue ao sujeito. O teórico alude:

A organização estrutural do campo perceptivo é um dos meios mais poderosos de direção da nossa percepção e um dos mais importantes fatores de sua ampliação, enquanto a organização racional psicologicamente fundamentada do campo perceptivo é uma das tarefas mais importantes da *engenharia psicológica*. 'Não é difícil perceber a grande importância que adquire a garantia de formas mais racionais de organização do fluxo de informação que chega ao avião que pilota aviões rápidos ou super-rápidos (Luria, 1979, p. 4, grifo do autor).

Ademais, no que tange ao segundo grupo, didaticamente mencionado por Luria (1979), a fim de explicar os fatores que determinam o sentido da atenção, o autor dá capital importância, sobretudo, com a estrutura da atividade do próprio sujeito.

Quando analisamos os problemas da evolução biológica do comportamento dos animais, vimos o papel decisivo da *importância biológica* dos sinais no comportamento dos animais. [...] Indicamos que as abelhas reagem a formas complexas que constituem indícios de flores, desprezando as formas geométricas simples sem importância biológica para ela; o gato que reage vivamente ao ruído do rato, não dá atenção aos sons do folheamento de um livro ou ao farfalhar de um jornal. É fato bastante conhecido que a atenção dos animais é provocada por sinais de importância vital.

Tudo isso se refere igualmente ao homem, com a única diferença de que as necessidades e interesses que o caracterizam não têm, em sua grande maioria, caráter de instintos e inclinações biológicas mas caráter de fatores motivacionais complexos que se formaram no processo da história social (Luria, 1979, p. 4, 5, grifo do autor).

Neste ponto, vale salientar o aspecto fundamental da atividade humana, e seu papel no que concerne o desenvolvimento de novos instrumentos e signos que são portadores de funções sociais, como mencionado anteriormente no decorrer deste trabalho, a respeito das funções psicológicas superiores. Luria (1979), dá destaque às necessidades, interesses e objetivos do ser humano, que não se desvinculam sobre sua percepção e processo da sua atividade. Em outras palavras, o sujeito entrará em atividade a fim de que suas necessidades sejam sanadas, e neste processo, novas ferramentas, instrumentos e signos serão desenvolvidos, estes quais, hão de ser imprescindíveis para a sociedade; para o desenvolvimento do ser humano. Compreender, portanto, a organização estrutural da atividade humana, é essencial para também compreender os fatores que levam o sujeito a atentar-se, a dirigir sua atenção.

⁴ O termo “reflexo de orientação”, segundo o Luria (1981), é utilizado, primeiramente, por Pavlov.

RAY, PARA ALÉM DE UM FILME: UMA HISTÓRIA DE POTENCIALIDADES

Ray (2004), é uma produção cinematográfica, dirigida por Taylor Hackford, que discorre sobre a história de Ray Charles Robison, um notório pianista e cantor de soul, blues e jazz, norte-americano. Vale apontarmos que, o cerne deste artigo é estabelecer uma relação entre a deficiência visual e processos psicológicos, como atenção e percepção, do artista. Portanto, assuntos retratados no filme que não integrem a este objetivo, não serão frisados neste estudo.

Ray Charles nascera em 23 de setembro de 1930, em Albany, Nova York, e falecera no dia 10 de junho de 2004, em Los Angeles, Califórnia. O músico chegou a ser reconhecido como o 10º maior artista e 2º maior cantor, de todos os tempos, pela revista *Rolling Stone*. Ray foi um consagrado artista que, de acordo com Pinto (2019), se tornou o mais importante colaborador para o desenvolvimento e fixação de ritmos genuinamente americanos, mais especificamente com relação ao Soul. Ainda, para Pinto (2019, p. 59), “Ray Charles é uma referência icônica do músico cego para o mundo”.

Apesar de ter cegueira, é importante mencionar que, nem por toda a vida o músico teve essa deficiência. Ao longo do filme, é possível perceber que Ray Chales passara a ter seus primeiros sintomas por volta dos sete anos de idade, logo após a morte do irmão mais novo, que se afogou em uma bacia de água enquanto os dois brincavam. Apesar disso, a obra de Taylor Hackford não explica a gênese da deficiência de Ray.

Compreendemos, no entanto que, a deficiência de Ray Charles não fora uma limitação em sua vida, muito embora, com a cegueira, comprometimentos em vista disso tenha lhe ocorrido. Entretanto, ao longo de sua história, condições foram proporcionadas a ele, a fim de que seu desenvolvimento pudesse acontecer como para qualquer outra criança. Neste sentido, podemos dar ênfase a sua relação com a música, muito embora, em *Ray* (2004), não fique evidente como o músico dera início à sua relação com a arte musical.

Neste seguimento, concordamos com Vygotski (1997), quando este aponta que qualquer pessoa com deficiência, independente de qual seja, possa se desenvolver. Para este autor, ainda:

Em um ambiente socialmente diverso, a cegueira não é psicologicamente a mesma. A cegueira, para a filha de um fazendeiro americano, para o filho de um latifundiário ucraniano, para uma duquesa alemã, um camponês russo, um proletário Sueco, são fatos psicologicamente muito diferentes. Psicologicamente, a cegueira não implica deficiência de vida espiritual. A educação da criança deficiente (do cego, do surdo) é exatamente o mesmo processo de elaboração de novas formas de comportamento, de criação de reações condicionadas, que no menino normal (Vygotski, 1997, p. 81, tradução nossa).

Tal afirmativa, corrobora com a explicação de que, muito embora todas as pessoas com deficiência possam se desenvolver como outras que não a tem, psicologicamente a

deficiência é experienciada de formas diferentes, a depender da sociedade em questão, e dos aspectos socioeconômicos do sujeito. Apesar disso, se forem garantidas as mesmas condições de educação (considerando suas especificidades), a pessoa cega se desenvolverá como outras sem deficiência visual.

No filme, compreendemos que, mesmo que Ray Chales enxergasse nos primeiros anos de vida, tivera que reaprender a se orientar quando perdera completamente a visão. A compensação, mediante ao desenvolvimento e novos nexos entre as funções psicológicas superiores, como atenção, percepção – de cara importância neste processo-, também, linguagem e memória, é notória em quase toda obra cinematográfica. Em dado momento, durante o filme, um motorista que levava Ray Charles para um show lhe perguntou como ele lidava bem, no dia a dia, sem o uso de uma bengala ou a ajuda de um cão-guia. Ray Chales lhe responde com a mesma pergunta e complementa, relatando que *seus ouvidos têm que ser seus olhos*, e que todo som tem uma diferença, por isso, sempre usara solas de sapatos duras, para ouvir o eco dos passos.

Conquanto, a compensação pela falta da visão possa parecer meramente auditiva ou tátil, ou seja, uma função natural, processos envolvendo a atenção e a percepção são evidenciadas, enquanto funções psicológicas superiores. A esse respeito, Vygotski (1997, p. 101, tradução nossa, grifo nosso) já indicava que:

No plano teórico, a nova concepção se expressou na teoria do vicariato de os órgãos dos sentidos. Segundo esta concepção, a perda de uma das funções de percepção, a falta de um órgão, é compensada pelo funcionamento e pelo desenvolvimento acelerado de outros órgãos. Como no caso de ausência ou doença de um dos órgãos pares - por exemplo, um rim ou um pulmão - o outro órgão, saudável, se desenvolverá para criar compensação, aumenta e substitui o doente assumindo parte de suas funções, assim como o defeito da visão causa desenvolvimento acentuado da audição, tato e outros sentidos. Lendas foram criadas sobre a acuidade supernormal do tato no cego [...]. *Eles acreditavam que qualquer cego, pelo simples fato de sê-lo, era um músico, ou seja, uma pessoa dotada de um ouvido aguçado e excepcional*; Eles descobriram no cego um novo sentido, especial, o sexto sentido, inatingível para os clarividentes [...]. Mas investigações revelaram a inconsistência de tal teoria. Manifestaram como fato indiscutivelmente estabelecido de que não há desenvolvimento acentuado das funções da audição e do tato nos cegos [...] por último, onde encontramos uma alta função dúctil em comparação com o normal, esse fenômeno acaba por ser secundário, dependente, derivado, mais uma consequência do desenvolvimento, do que sua causa. *A referida compensação não decorre da compensação fisiológica direta para deficiência visual (como aumento do tamanho do rim), mas de uma compensação sociopsicológica geral que segue um curso muito complexo e indireto, não substituindo a função suprimida nem tomando o lugar do sexto órgão insuficiente.*

Nesta perspectiva, é possível compreender que não fora a cegueira que fizera de Ray Charles o músico que foi; não fora seus ouvidos super aguçados - muito embora em diversos momentos o filme traga essa percepção-, mas sim, as condições que lhe foram

apresentadas para o desenvolvimento e, com efeito, o desenvolvimento de processos psicológicos. Um exemplo disso, exposto no próprio filme, diz respeito ao momento em que Ray Charles está em um restaurante com Della Beatrice, que se tornara sua esposa no futuro. O artista diz que escuta assim como ela enxergava um beija-flor, próximo à janela, mas Della disse que não era capaz de escutar, somente ver, e ele a pediu que prestasse *atenção* e, somente assim, ela relatou conseguir ouvir.

Ademais, em duas outras cenas, é possível associar a memória e atenção, tanto quanto, à percepção: a primeira cena é concernente ao momento em que Ray Charles deixa Della em sua casa, e ela oferece chamar um taxi, para levá-lo ao hotel onde estava hospedado, e ele responde: “Três quadras para cima, duas à esquerda, uma à direita, quinze passos e estou no hotel”. Em outra cena, quando a mãe dá a notícia sobre a sua cegueira, o alerta sobre a necessidade que teria de recorrer, a partir de então, à sua memória a fim de se orientar, e pergunta se ele recordava quantos degraus havia na escada da entrada de sua casa, e ele responde que sim, eram quatro. Sobre isso, Vygotski (1991, p. 27, 28) versa:

A possibilidade de combinar elementos dos campos visuais presente e passado (por exemplo, o instrumento e o objeto-alvo) num único campo de atenção leva, por sua vez, à reconstrução básica de uma outra função fundamental, a memória [...]. As mudanças que ocorrem na memória são similares àquelas que ocorrem no campo perceptivo da criança, onde os centros de gravidade são deslocados e as relações figura-fundo alteradas. A memória da criança não somente torna disponíveis fragmentos do passado como, também, transforma-se num novo método de unir elementos da experiência passada com o presente.

Noutro momento, exposto no filme, ainda quando criança, Ray já acometido pela cegueira, entra na sala da casa, e ao tropeçar e cair sobre um móvel, chora e pede ajuda para a mãe. No entanto, ela não se move e não deseja ser escutada pelo filho, que continua a chorar copiosamente. Ao perceber que a mãe não poderia ajudá-lo, Ray se levanta e dirige *atenção, voluntariamente*, ao que estava ao seu redor. Escuta uma carroça, e se vira para onde está vindo o som, depois, escuta um grilo, e se orienta até o inseto, a fim de pegá-lo em suas mãos. Ao perceber que o filho conseguia se orientar sem sua ajuda, a mãe chora em silêncio, e Ray diz que sabia que ela estava ali: “Por que está chorando?”. Recordamos, portanto, o que Luria (1979) apontou sobre o reflexo orientado; uma vez que Ray percebe um som sobressaindo outro, no ambiente, dirige sua atenção, por um lado em vista dos estímulos externos perceptíveis ao sujeito, e por outro, em decorrência à atividade do próprio menino que, neste sentido, em vista de uma necessidade (orientar-se no ambiente), dirigiu sua atenção a sons perceptíveis por sua audição.

Além disso, Vygotski (1997) já considerava que, com a perda ou déficit de um sentido, existe, na realidade, uma substituição de funções perceptivas, mas não de substituição no sentido de que um órgão o faz com relação a função fisiológica do outro, por exemplo,

os ouvidos fazer enxergar. O que acontece é um rearranjo das funções psicológicas e reestruturação da atividade psíquica, que será, portanto, orientada através da associação entre memória e atenção.

Destarte, mediante o filme *Ray* (2004), é possível verificar a relação estabelecida entre o sistema psicológico do artista e sua deficiência visual, em especial, à observância da compensação dos processos psíquicos, como ocorre com a percepção e atenção, e os nexos estabelecidos, igualmente, com a memória. Portanto, não se trata de uma mera substituição da visão pela audição, mas um processo complexo, dialético e que, sobretudo, tange às condições objetivas e materiais oportunizadas ao sujeito, para que seu desenvolvimento ocorra como para qualquer outra pessoa sem deficiência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No processo de desenvolvimento deste artigo, pudemos assinalar, em um primeiro momento, como ocorre o processo de humanização, dando ênfase à imprescindibilidade de um organismo biológico e, sobretudo, a inserção do sujeito em sociedade, a fim de que, a partir da internalização de signos e instrumentos, este possa desenvolver suas funções sociais, típicas humanas: as funções psicológicas superiores.

À vista disso, aspectos concernentes à defectologia, em especial, à defectologia vigotskiana, nos garantiram subsídios para compreender como a educação social pode contribuir para o desenvolvimento, inserção e integração da pessoa com deficiência. Neste sentido, afirmamos que os trabalhos de Vygotski (1997), não se descolavam da realidade da sociedade. Do mesmo modo, não se trata, na contemporaneidade, de fazermos uma mera replicação teórica; é preciso levar em consideração as condições materiais objetivas e históricas deste contexto social, a fim de que novos avanços na ciência psicológica possam ser realizados com o comprometimento primordial de emancipação humana. Acreditamos que, por assim ter realizado Vygotski (1997), suas teorizações, aqui em especial, sobre a educação especial, alcançaram importantes espaços de discussão, uma vez que considerou as potencialidades dos seres humanos, muito mais de que suas limitações e, demonstrou que a deficiência é um conceito social, experimentada por aqueles com comprometimentos biológicos, somente pelo fato de que socialmente o colocaram neste espaço.

Isto posto, a compreensão acerca das funções psicológicas superiores como atenção e percepção, nos são fundamentais para entender como a compensação ocorre para pessoas com deficiência visual. O filme *Ray* (2004), de Taylor Hackford, neste seguimento, nos oportunizou inúmeras reflexões acerca da deficiência sensorial do tipo visual, em especial, no que diz respeito a compensação, tendo em vista que, por muitas vezes a compensação possa parecer meramente de uma função natural, como a substituição da visão pela audição. Compreendemos, no entanto, que um processo complexo, através de um rearranjo do sistema psicológico é quem propicia a compensação, não de funções

naturais, mas psíquicas superiores que, posteriormente, poderão ser observadas em outras funções sensoriais.

Assinalamos, também, a natureza social da percepção e atenção, dado o fato de que, diferentemente de outros animais, o ser humano não limita a percepção ao campo sensorial, tampouco, dirige voluntariamente sua atenção. Neste sentido, mediante o filme Ray (2004), apontamos também a relação da memória em nexo relacional com as demais funções sociais, portanto, se as funções psicológicas superiores fossem como para outros animais, seria improvável que, partindo de cenas do filme, o personagem pudesse dirigir sua atenção para perceber o ambiente, por meio da percepção auditiva, e locomover-se sem o auxílio de instrumentos; o faz apenas em vista do fortalecimento e desenvolvimento de suas funções psicológicas superiores, a compensação.

Finalmente, tendo em vista que a ciência psicológica deve estar comprometida com a emancipação humana, retomamos a importância da inserção da pessoa com deficiência em sociedade, garantindo a esse sujeito condições objetivas para seu pleno desenvolvimento, como por exemplo, por meio da educação. É preciso integrar, mas sobretudo, garantir que as pessoas com deficiências com comprometimentos sensoriais, físicas mentais ou intelectuais, tenham seus direitos garantidos, e condições objetivas de desenvolvimento, a fim de que, a educação inclusiva social possa, com efeito, garantir a compensação mediante o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, como atenção e percepção. É imprescindível atentar-se às potencialidades da pessoa com deficiência, não às barreiras, que mormente, são sociais.

REFERÊNCIAS

BARROCO, Sonia Mari Shima. **A educação especial do novo homem soviético e a psicologia de L. S. Vigotski**: Implicações e contribuições para a psicologia e a educação atuais. Tese Doutorado. Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Araraquara, 2007.

BBC TV. **As borboletas de Zagorsk**. (Documentário) Série Os Transformadores. Direção: Ann Paul. Produção de Michael Dean. Narração: Michael Dean. Roteiro: Michael Dean. Londres. 1992.

BRASIL. **Lei 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão das Pessoas com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União, 2015.

GINDIS, Boris. **Vygotsky's vision**: reshaping the practice of Special Education for the 21st Century. Remedial and Special Education, v. 20, n. 6, p. 32-64, 1999. Disponível em: Acesso em: 18 jan 2023.

LURIA, Alexander Romanovich. **Curso de psicologia geral**. Volume III. Atenção e memória. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

LURIA, Alexander Romanovich. **Fundamentos de neuropsicologia**. Trad. Juarez Aranha Ricardo. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1981.

MUKHINA, Valeria. **Psicologia da idade pré-escolar**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

NETTO, Nilson Berenchtein; LEAL, Daniela. **Contribuições para uma historiografia da defectologia soviética**. Nuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente, São Paulo, v. 24, n. 1, p.73-91, jan./abr. 2013.

OTTAIANO, José Augusto Alves; ÁVILA, Marcos Pereira de; UMBELINO, Cristiano Caixeta; TALEB, Alexandre Chater. **As condições de Saúde Ocular no Brasil 201+**. São Paulo: Conselho Brasileiro de Oftalmologia, 2019. 104 p. Disponível em: http://www.cbo.com.br/novo/publicacoes/condicoes_saude_ocular_brasil2019.pdf. Acesso em: 15 jan. 2023.

PINTO, Renato Antônio Brandão Medeiros. **O visual do invisível**: a complexidade das categorias entre música e a cegueira. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019.

RAY. Direção de Taylor Hackford. Intérpretes: Jamie Foxx, Kerry Washington, Regina King, Clifton Powell, C.J. Sanders. Roteiro: Taylor Hackford, James L. White. [S.l.]: Universal Pictures, 2004. (152 min.)

SHUARE, Marta. **A psicologia soviética**: meu olhar. São Paulo: Terracota editora, 2017.

VIGOTSKI, Liev Semiónovich. **Sobre os sistemas psicológicos**. In: VIGOTSKI, L. S. Teoria e método em psicologia. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VYGOTSKI, Liev Semiónovich. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKI, Liev Semiónovich. **Obras escogidas**: fundamentos de defectología. Tomo V. Trad. Julio Guillermo Blanck. Madrid: Visor Dist. S. A, 1997.

VYGOTSKI, Liev Semiónovich. **Obras escogidas**: problemas del desarrollo de la psique. Tomo III. Trad. Lydia Kuper. Madrid: Visor, 2000.